

## COMUNICAÇÕES

### ESPLENECTOMIA E DERIVAÇÃO ESPLENO-RENAL DISTAL REALIZADAS EM SERGIPE ANTES E APÓS O PROGRAMA ESPECIAL DE CONTROLE DA ESQUISTOSSOMOSE (PECE)

Alexandre Gomes de Menezes Netto

As avaliações referentes ao Programa Especial de Controle da Esquistossomose (PECE) procuraram medir a transmissão através dos índices de prevalência de exames de fezes positivos para área de *Schistosoma*<sup>1</sup>. Apresentamos informações colhidas em hospitais com o objetivo de avaliar a influência do tratamento sobre a morbidade da esquistossomose.

A partir de 1976 foram postas em prática as ações delineadas pelo Programa Especial do Controle da Esquistossomose (PECE) em Sergipe. Na fase preparatória verificou-se que a esquistossomose era incidente em seis regiões hidrográficas numa área de 10.121 km<sup>2</sup>, de um total de 21.994 km<sup>2</sup>, com 596.522 habitantes, em 4.014 localidades e 40 municípios, dos 74 do Estado. O levantamento coproscópico foi procedido na população escolar, grupo etário de 7 a 14 anos, da área supostamente endêmica, tendo sido trabalhadas 776 escolas, com efetivação de 47.681 exames pelo método de Kato, qualitativo.

A prevalência da esquistossomose, no grupo estudado variou nos diversos municípios, entre taxas de 10,9% e 78,5% com algumas localidades chegando a 100%, e com a média geral de 40,55% (Tabela 1).

A *Biomphalaria glabrata* era presente na quase totalidade dos criadouros cadastrados nos 40 municípios, assinalando-se a concomitância da *Biomphalaria straminea*, em alguns criadouros, dos municípios de Capela, Japarutuba e Riachuelo.

Na fase de ataque, como havia apenas um município, Malhada dos Bois, com 10,9% de prevalência de esquistossomose em escolares, foi feito tratamento em massa de toda a população (Tabela 2). Nesse tipo de ação, iniciado em julho de 1977 e concluído em junho de 1978, foram medicadas 460.937 pessoas representando 77,27% da população alvo da área delimitada. Se excluirmos a população e os medicados em Aracaju, onde os critérios foram mais flexíveis, principalmente em bairros mais centrais este percentual se eleva para 87,56%.

Este trabalho faz parte da avaliação do PECE no Estado de Sergipe (CNPq/Ministério da Saúde).

Recebido para publicação em 10/11/1985.

Tabela 1 – Variação da prevalência de esquistossomose mansônica, entre escolares de 7 a 14 anos em municípios de área endêmica, no Estado de Sergipe, 1975/1976.

Índices	Municípios
0 a 20,0%	1
20,1 a 30,0%	10
30,1 a 40,0%	7
40,1 a 50,0%	10
50,1 a 60,0%	6
60,1 a 70,0%	2
70,1 a 80,0%	4
Total	40

Fonte: SEST/SUCAM, Sergipe.

O medicamento utilizado foi a oxamniquine na dose de 15mg/kg de peso corporal para adultos, sob a fórmula de cápsulas e na dose 20mg/kg de peso corporal para crianças até 23 quilos, em xarope<sup>1</sup>.

Simultaneamente ao tratamento medicamentoso foi feita aplicação de moluscicida nas coleções hídricas onde se constatou a existência de caramujos, a cada 60 dias, em média, merecendo especial cuidado aquelas de maior importância epidemiológica, metodologia que se tornou rotina na sistemática de trabalho na SUCAM.

Ainda dentro do elenco de medidas destinadas ao combate e a profilaxia da esquistossomose, a Fundação SESP construiu, no período 1976/1983, 26.844 privadas higiênicas; 24.399 banheiros; 19.706 tanques domiciliares para lavagem de roupa, em 22 municípios; 28 abastecimentos de água simplificados, em 28 povoados; e 3, completos, nas cidades de Capela, Estância e São Cristóvão.

Seis meses após o tratamento medicamentoso inicial procedeu-se a primeira avaliação de resultados, através de coproscopia no mesmo grupo e remedicou-se, prioritariamente, a população da faixa etária de 5 a 25 anos, onde predominava a quase totalidade dos que continuavam positivos, fato detectado nos ensaios de campo dos municípios com persistência de prevalência acima de 4%.

Tabela 2 - Levantamentos geográfico, coproscópico e malacológico, por bacia hidrográfica e medicação inicial em massa, com oxamniquine, nos municípios do Estado de Sergipe (1976 a 1978).

Bacia hidrográfica do Rio	Dados Geográficos			Coproscopia				Malacologia	Medicação em massa			
	Superfície Km <sup>2</sup>	Localidades Existentes	População	Localidades Trabalhadas	Escolas Pesquisadas	Exames Realizados	Positivos P/ S. M. %	Local. c/ Caramujo	Pessoas Tratadas	Pessoas não tratadas		
										Cont. Indic.	Recusas	Ausentes
São Francisco	494	169	8.919	21	35	1.985	21,46	74	9.107	1.225	110	261
Japarutuba	1.450	602	46.491	53	81	5.791	51,98	372	45.748	3.347	452	1.641
Sergipe	1.370	682	276.546	71	156	10.811	51,26	421	188.616	38.797	22.510	31.909
Vasa Barris	1.448	473	44.667	29	55	4.224	47,57	232	43.455	6.260	505	1.447
Piauí	4.455	1.746	196.608	244	364	22.119	37,31	1.072	156.508	32.287	1.768	6.562
Real	904	342	23.291	58	85	2.751	33,73	239	17.203	3.650	243	1.101
Totais	10.121	4.014	596.522	476	776	47.681	40,55	2.410	460.937	85.566	25.588	42.921

A segunda avaliação foi feita com a mesma metodologia, exceto em três municípios (Salgado, Indiaroba e Tomar do Geru) já colocados em vigilância, por apresentarem prevalência abaixo de 4%. A terceira e quarta avaliações passaram a ser seletivas, isto é, feitas apenas nas localidades problemáticas, de resposta insuficiente aos tratamentos e extensivas a todos os moradores dessas localidades.

Para uma avaliação através de esplenectomias e derivação espleno-renal distal logo no início das atividades do PECE, começamos a pesquisar nos hospitais da capital as execuções de esplenectomia, retroagindo ao meado da década de 60. Pretendíamos conseguir dados epidemiológicos para confrontar com uma provável realidade nova que, supostamente, surgiria com um tratamento sistematizado de todos os afetados pela doença mansônica e pelas medidas profiláticas complementares que se pretendia pôr em prática.

Dos registros constantes nos livros dos centros cirúrgicos, anotamos o nome do paciente e o do cirurgião, a cirurgia realizada, a data e o diagnóstico pré-operatório. Este último elemento, quando existente, registrado de maneira vaga e imprecisa, levou-nos a incluir no montante das esplenectomias não apenas aquelas baseadas em esplenomegalias esquistossomóticas mas também as sem diagnóstico pré-operatório. As anotações compreenderam o período de 1965 a 1985.

Após o último exame de fezes a prevalência de ovos de *S. mansoni* na área tratada variou de 4,2 a 35,3%, com média geral de 8,38%, ao invés dos 40,55% de antes.

No período de 1965 a 1985 cresceu o número de cirurgiões capacitados a esplenectomizar os pacientes, maior liberalidade e precocidade nas indicações cirúrgicas, mais fácil e mais rápido acesso dos pacientes ao médico.

Quanto ao interior do Estado, pesquisas feitas revelaram que apenas nos municípios de Riachuelo e Lagarto se realizaram esplenectomias, num total de 29 intervenções, sendo 17 antes e 12 depois do tratamento em massa da população.

A partir de meados de 1981 a derivação espleno-renal distal passou a ser adotada como conduta cirúrgica na hipertensão portal; até setembro de 1985 foram operados 81 casos na sua quase totalidade pela equipe do Prof. Valdinardo Aragão e com bom padrão de acompanhamento pós-operatório.

Nos vinte anos visados pela pesquisa o Estado de Sergipe aumentou sua população em 58%, as cirurgias gerais, na Capital, cresceram cerca de 600% e em termos relativos passaram de 3,22 por 1.000 habitantes para 13,92 (Tabela 3).

As esplenectomias, agora acrescidas pelas derivações, representavam no passado até 2,5% de todas as cirurgias realizadas, hoje situa-se nos 0,28%; em números relativos caiu de até 0,137 por 1.000 habitantes para os atuais 0,039 (Tabela 3 e Fig. 1).

Observa-se que a queda nas cirurgias corretivas da hipertensão portal efetivamente se acentuou após o tratamento em massa da população, ao lado de outras medidas profiláticas citadas no texto, o que autoriza a afirmação de que a gênese dos casos graves de esquistossomose em Sergipe reduziu-se dramaticamente e confirma o sensível declínio da prevalência da doença bem como da intensidade das infestações.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos Drs. José Eduardo Sobral, Edgar Alves da Silva Filho e Nadya Lins Porto pelas pesquisas de dados nos hospitais. Ao Dr. Cleovansóstenes Pereira de Aguiar pela revisão. À Maria Angélica Araújo Matos pela datilografia. Ao Prof. Valdinardo Aragão pelo fornecimento de dados estatísticos, FSESP, SUCAM, INEP-SE e ao Prof. Aluizio Prata pelo estímulo e revisão.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. Machado PA. Paineis do Programa Especial de Controle da Esquistossomose. VI. Conferência Nacional de Saúde, Brasília, 1977.

Tabela 3 - População, Cirurgias Gerais, Esplenectomias + Derivações Espleno-Renais Distais realizadas e suas relações no período de 1965/1985(\*).

Anos	População estadual (**)	Cirurgias gerais realizadas	Esplenectomias + derivações realizadas	Cirurgias gerais p/1.000 habitantes	Esplenectomias + derivações p/1.000 habitantes	Relação percentual entre cirurgia geral e esplenectomias + derivações
1965	812.000	2.618	23	3,22	0,028	0,87
1966	825.000	3.220	46	3,90	0,055	1,42
1967	838.000	3.196	68	3,81	0,081	2,12
1968	851.000	3.840	65	4,51	0,076	1,69
1969	864.000	3.965	82	4,58	0,094	2,06
1970	900.744	4.949	124	5,49	0,137	2,50
1971	917.140	5.502	87	5,67	0,094	1,58
1972	933.830	5.294	93	5,66	0,099	1,75
1973	950.830	6.626	123	6,96	0,129	1,85
1974	968.130	7.071	116	7,30	0,119	1,64
1975	985.750	7.527	89	7,63	0,090	1,18
1976	1.003.690	7.489	89	7,46	0,088	1,18
1977	1.021.960	7.362	113	7,20	0,110	1,53
1978	1.040.560	9.814	129	9,43	0,123	1,31
1979	1.059.500	12.035	97	11,35	0,091	0,80
1980	1.140.121	15.127	90	13,26	0,078	0,59
1981	1.167.370	21.944	71	18,79	0,060	0,32
1982	1.195.270	14.453	52	12,09	0,043	0,35
1983	1.223.840	17.782	53	14,53	0,043	0,29
1984	1.254.970	17.618	58	14,04	0,046	0,32
1985(*)	1.284.960	17.884	51	13,92	0,039	0,28

(\*) até setembro

(\*) Fonte: 1970 e 1980 - Recenseamento Geral; demais anos, estimativa do INEP-SE.

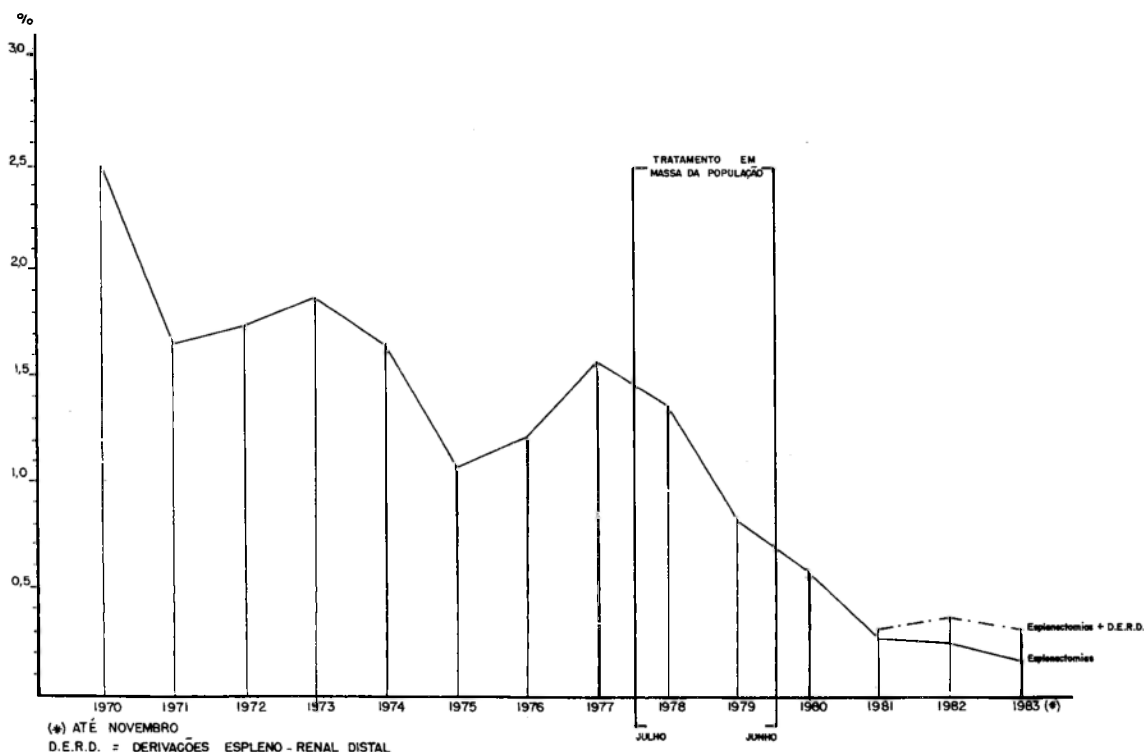


Fig. 1 - RELAÇÃO PERCENTUAL ENTRE ESPLENECTOMIA E CIRURGIAS GERAIS NO PERÍODO 1970/1983 (\*) NO ESTADO DE SERGIPE